

Do mesmo autor :

**Opera-comica (humorismo) 1900**

**Trophéos**

**Idolos**

**Livro de Elvira**

**Culto supremo (versos) 1902.**

**Terra pernambucana (versos) 1907**

**Alguns sonetos (versos) 1917**

**Rithmos eternos (versos - em preparação)**

**Vertigem (theatro) 1920**

**Capitão mór (theatro) 1922**

**Nú e crú (humorismo - em preparação)**

**No seculo do radio (diálogos - em preparação).**

---

---

DOMINGOS MAGARINOS

---

---

# ALMA DA NOSSA TERRA

[ VERSOS REGIONAES ]



R I O

1931

---

---

**alba**  
OFFICINAS GRAPHICAS  
RUA DO LAVRADIO N. 60

---

---

À Lily — um sorriso de bondade  
a iluminar o fim da  
minha vida.

D. M.

## A' LAIA DE PREFACIO

---

Pensamos que o núcleo dos elementos, o fio conductor das partículas de caracterização da literatura brasileira, apesar de oriundo de phenomenos physio-psychicos e socio-raciaes, pode procurar-se na parte instinctiva das artes que é o folk-lore.

Sylvio Julio (Fundamentos da Poesia Brasileira)

---

O folk-lore brasileiro é um dos mais ricos do mundo, estou certo, e apresenta physionomia toda especial por nelle se mostrarem as tendencias, as tradições e os caracteristicos de quantas raças têm contribuido para a formação da nacionalidade.

Gustavo Barroso (Folk-lore)

---

Não tenhamos receio de que nos taxem de barbaros. Amemos a nossa barbaria, da qual os europeus não podem mais prescindir. Deixemos em paz os marmores da Acropole e as torres das cathedraes gothicas. Nós somos filhos das serranias e das florestas, e, se quizermos crear uma civilização, arranquemos, desde já, as mascaras posticas que encobrem as nossas verdadeiras physionomias.

Ronald de Carvalho (Estudos Brasileiros)

MANE' BURDÃO

Eu cunhici um cabôco,  
pras banda lá do sertão,  
qui o povo da redondeza  
chamava Mané Burdão!

O cabra era distrucido;  
fazia a viola chorá;  
cantava qui nem graúna,  
mió do qui sabiá!

Muié qui uvia o damnado  
— qui bicho bão qui é muié! —  
ficava qui nem macaco  
qu'ingasga cum catolé!

Os home falava delle;  
mangava da sua voz;  
inveja desgraça o mundo;  
dá cabo de todos nós!

O cabra não s'importava;  
cantava — era cantadô! —  
Deus fez o canto prus passo  
e deu o cheiro às fulô!

E, ripinicando a viola,  
dizia lá no sertão:  
— Pru mode eu gostá da prima.  
ôces mi chama burdão!

## O CORAÇÃO DO CABÔCO

Chuveu tá tudo contente,  
chuveu tá tudo bunito;  
a chuva põe nossas terra  
mais verde qui um piriquito!

Os pasto tava torrado  
qui nem um triste burraio;  
os gaio não tinha fôia,  
as arve não tinha gaio!

Os poço, lá nos açude  
— é tanto só qui arrenégo! —  
di secco tava tão fundo  
qui nem os óio di um cégo!

Inté os véio joazeiro  
já tava pidindo chuva;  
a secca come mais fôia  
do qui fuimiga saúva!

Assim qui as chuva cumeça,  
tem matto inté nos caminho;  
os pasto fica mais verde  
qu'inxerto di passarinho!

O coração do cabôco  
é cuma os sertão do Norte;  
si arguem li faz um carinho  
já não si queixa da sorte!

## CABRA BÃO

No sertão home inda é home  
e muié inda é muié;  
é sinhô di suas venta;  
inda faz o qui bem qué!

Di menhã pega da inxada;  
uma cuia di feijão,  
di batata ou macacheira,  
faz a sua aprantação!

Faz farinha, faz assuca,  
rapadura ou cachichi;  
pesca o bague e a marinheira;  
caça a paca e a parari!

Ou intão sae pelo mundo,  
amontado no pedrez;  
sobe serra, desce grotá,  
rastejando a sua rez!

Bão no rife, bão na faca,  
toca viola, é cantadô,  
fala grosso im toda a parte;  
cabra bão não tem sinhô!

Pelos óio das cabôca  
não si deixa infeitiçá;  
é qui nem hôiti do matto  
qui ninguém pode inveigá!

PAIXÃO DI CABÔCO

Disgraçado di quem ama  
— não desejo isso a ninguém —  
passa vida di cachôrro  
na pisada di seu bem!

Eu vivia sastifeito,  
sem tê nada im qui pensá;  
adispois qui vi teus óio,  
ando assim nesse pená!

Si tou longe é a vontade  
di tá perto pra ti vê;  
si tou perto é o ciume  
qui mi faz ti mardizê!

Deste geito vou pra cova  
— já não posso nem drumi —  
levo os dia rismungando  
cuma quem chama sacy!

Já falei cum Zé Cutia  
mais o véio Jatobá;  
não tem reza nem meisinha  
qui mi cure desse má!

Si o amô é sufrimento,  
eu não sei pru qui rezão  
Deus fez Eva da custella  
qui tirou do pae Adão!

## CABÔCO VÉIO

Ocê pensa qui eu tou véio  
— coração não inveiêce —  
pru di traz do nevueiro  
tá o só quando amanhece!

Apesá de muito véio,  
quando a terra é um brazeiro,  
morre as arve mais viçosa,  
só tá verde o joazeiro!



Vae-se as fôia na queimada,  
mas os páo vira caivão;  
vem o vento assopra, assopra...  
óia os páo qui nem tição!

No sertão quando não chove  
só tem pó pelo caminho,  
cae a chuva e não demora  
pru sertão ficá verdinho!

Eu sou cuma esses riacho  
qui enche d'agua di repente;  
basta um beijo da cabôca  
pra si vê qui inda sou gente!

Vae-se as fôia na queimada,  
mas os páo vira caivão;  
vem o vento assopra, assopra...  
óia os páo qui nem tição!

## A CABÔQUINHA DO NORTE

A cabôquinha do Norte,  
nascida no Pajehú,  
é dôce qui nem garapa  
di mé de abeia uruçú!

Morena cô di canella,  
bunita cuma ninguem,  
pru Deus foi posta no mundo  
prus home dizê: meu bem!

Os seus cabellos são preto,  
pretinho qui nem anum;  
e prende mais do qui as corda  
qui as véia faz di ticum!

Os óio — qui pricipiço! —  
parece dois lampião  
qui só alumeia a gente  
pras grotta da perdição!

A bocca é feita dum cravo  
— boquinha assim nunca vi! —  
quem beija fica co'os beijo  
de quem cumeu saputi!

Pru mode um feitiço desse  
eu corro as terra e o má,  
assim cuma quem percura  
o qui não pode incontrá!

CHODO'

Mané Gome tá pensando  
qui mi fez um grande má  
pru mettê dentro di casa  
a Rosinha Pacová!

Elle diz pra toda gente  
qui eu fiquei di mororó;  
tou ruendo uma coirana,  
tou morrendo di chodó!

Eu já diche a Mané Gome  
o qui tinha pra dizê  
e arripito a vida inteira  
pru damnado m'intendê:

— O meu rife não tem bala,  
não tem peso o meu quiri  
pra quem tá cumendo as casca  
duma fruta qui eu cumi!

## A BUTADA DO INGENHO

Não isfria, mette a foice;  
bota abaixo o cannaviá!

Corre, corre, minha gente,  
qui o ingenho vae butá!

Já s'iscuta pela istrada  
mais di dez carro cantá!

Corre, corre, minha gente,  
qui o ingenho vae butá!

Já tem canna lá no ingenho,  
mas porém, ainda não dá!

Corre, corre, minha gente,  
qui o engenho vae butá!

Corta canna, cumpanheiro,  
não apara di cortá!

Corre, corre, minha gente,  
qui o ingenho vae butá

Seu vigaro, benza o ingenho  
prus démonho si affastá!

Corre, corre, minha gente,  
qui o ingenho vae butá!

---

Sinhô véio tá contente,  
tá si rindo mais sinhá!

Corre, corre, minha gente,  
qui o ingenho vae butá!

A butada di um ingenho  
faz a gente prufiá!

Corre, corre, minha gente,  
qui o ingenho vae butá!

E' um dia di festança,  
di alegria qui Deus dá!

Corre, corre, minha gente,  
qui o ingenho vae butá!

---

A I S P E R T E Z A   D O   A R I B U '

O aribú come difuncto;  
o gavião — isto si vê —  
pega os bicho e não ispera  
qu'elles morra pra cumê!

O aribú andava magro;  
ingordava o gavião:  
— Qui tem tu, amigo véio?!  
— As carniça não mi dão!...

— Vem cummigo qu'eu t'insino  
a caçá paca e tatú;  
e no matto foi intrando  
o gavião mais o aribú!

Má si viu dentro das brenha  
o gavião pega a caçá.  
mas cum tanto diséspêro  
qui acabou pru s'istrepá!

Rastejando uma cutia,  
qui na tóca s'iscondeu,  
deu co'o papo numa pedra  
e alli mêmo isfalleceu!

O aribú tava num gaio,  
óia o amigo e diz então:  
— E' mió cumê carniça!...  
E papou o gavião!

## CHAPÉO DI COURO

Os povo da praça manga  
dos home cá do sertão;  
nos chama chapéo di couro,  
curumba e arribação!

Nos chama di cangaceiro,  
jagunço e nos mette os pé;  
nos véve matando os home,  
disrespeitando as muié!

Nós sêmo ruim, priguiçoso;  
ninguem não qué trabaiá;  
só qué vivê no cangaço  
e, assim, di papo pru á!

Praieiro é bêsta, di facto,  
é bêsta qui nem pirú;  
a gente veste di couro  
pruquê di panno tá nú!

Si pega, tamem, no rife  
nós cumpre o nosso devê;  
ninguem faz nada, no mundo,  
sem Nosso Sinhô sabê!

Não disrespeita as cabôca  
— não disrespeita ninguem! —  
Deus deu as muié prus home  
somente pra querê bem!

## NO MUNDO TUDO E' TREIÇÃO

No mundo tudo é mintira,  
no mundo tudo é treição;  
a gente véve inganado  
inté pelo coração!

Adonde o pasto é mais verde,  
mió pru gado pastá,  
parece qui é terra firme,  
vae vê... é um lamaçá!

As cobra mais venenosa  
— surucucú, cascavé! —  
s'isconde di tá maneira  
qui a gente nunca dá fé!

O gaio qui deu a rosa  
qui a gente quiz apanhá,  
é sempre o di mais ispinho;  
arranha quem vae tirá!

O passo di mais belleza,  
di penna di toda a cô  
é sempre o qui menos canta,  
não é o di mais valô!

No mundo a gente vê cara,  
mas nunca vê coração;  
muié cum fama de santa  
é mais pió do qui o cão!

## TROVAS DA MINHA TERRA

Os home mêmo não sabe  
as coisa qui o mundo tem;  
a muié di quem mais gosta  
é sempre a qui não qué bem!

Ninguém, pru Deus, mi pergunte  
o qui é qui mi faz pená;  
a sodade não si apaga  
si a gente pega a falá!



O mundo tem dó do cego  
e cégo eu queria sê,  
pra não vê, cuma tou vendo,  
o qui mi faz padecê!

Os home di mais juizo,  
di mais corage e mais fé  
amunheca e não riséste  
as tentação das muié!

Não tenho medo di tiro  
nem mêmo dado ás treição;  
tenho medo dos teus óio  
qui vara o meu coração!

Eu ando sempre pra frente  
e não ispio pra traz;  
a muié qui deixa um home  
não sabe o bem qui li faz!

## MUIE' QUI GOSTA DA GENTE

Não tem ditado mais véio  
— não falo assim pru desdem —  
quem tem amô tem ciume,  
quem tem ciume qué bem!

Si alguma moça bunita  
mi diz qui gosta de mim,  
mi chego logo pras outra  
e deixo ardê o istupim!

Si a moça amarra a carranca  
qui nem um nó di crauá,  
já sei qui diche a verdade  
e não mi quiz impuiá!

Si faz carinha di santa  
e não mi troce o nariz,  
vou pondo os pé no caminho;  
não vou atraz do qui diz!

Muié, qui gosta da gente,  
vae logo mettendo os pé,  
si vê a gente amarrado  
falando co'outra muié!

## A FE' DO JAGUNÇO

O seu dinheiro eu l'intrego  
— eu sei cumpri meu devê! —  
agora o resto é cummigo;  
o cabra tem qui morrê!

Não quero nada dos outro,  
só quero aquillo qui é meu;  
eu cumpro o meu juramento  
e ocê não perde o qui deu!

O trato qui nós fizemo,  
o nosso trato acabou,  
mas não acabou o trato  
qui eu fiz cum Nosso Sinhô!

Não sou di meia palavra,  
não faço desses papé;  
só farta ao seu juramento  
um home qui não tem fé!

Incummendei a arma d'elle,  
pru seu discanso rezei,  
só posso, pru consiguiente,  
fazê o qui tá na lei!

Cum Deus a gente não brinca,  
não brinca cum seu pudê;  
rezei pru arma do cabra,  
o cabra tem qui morrê!

## CURUPIRA

Curupira tá batendo  
no pilão di sapucaia;  
a muié qui entra na matta  
pelo meno rasga as saia!

Nos inspinho dos garrancho,  
qu'é qui nem ponta de púa  
— cum licença da palavra —  
rasga as saia e fica núa!

Pae qui tem fia bunita,  
óia bem pra tua fia;  
cobra d'agua pru mais mansa  
infeitiça e come a gia!

Os marido não tem curpa  
do qui faz as cumpanheira,  
mas quem qué laranja bôa,  
cuida bem da laranjeira!

Seu vigaro é muito séro,  
mas não é madre abadessa;  
as muié di sacristia  
vira mula sem cabeça!

Curupira tá batendo  
no pilão di sapucaia;  
a muié qui entra na matta  
pelo meno rasga as saia!

ÊH! ÊH!

I

Nêgo véio é feiticero  
nêgo véio é resadô,  
nêgo véio faz mandinga  
pra sinhá mais pra sinhô!  
Sinhôsinho tá di cama,  
não se pode alevantá;  
— máo oiado! — foi o nêgo  
qui pisou lá no quintá!

Êh! Êh! Êh! Êh!  
Isso é mentira di ôcê!

DOMINGOS MAGARINOS

---

Quem foi qui viu,  
cabra vadio,  
nêgo fazê  
o cangerê?!  
Êh! Êh!  
Êh! Êh! Êh! Êh!

II

Sinhá moça tá chorando  
— coitadinha! — mette dó;  
é trabaio desse nêgo  
qui não sae do catimbó!  
O má triste dá no gado,  
a lagaita no argudão;  
é mandinga desse nêgo  
qu'elle tem parte co'o cão!

Êh! Êh! Êh! Êh!  
Isso é mintira di ôcê!  
Quem foi qui viu,  
cabra vadio,

ALMA DA NOSSA TERRA

---

nêgo fazê  
o cangerê?!  
Êh! Êh! Êh! Êh!

III

Os cavallo tá morrendo;  
tá no bico do aribú;  
— coisa feita, qui esse nêgo  
tá cruzado co'os ixú!  
Nêgo véio já não pode  
nem tocá seu marimbáo;  
todo o dia tá no tronco,  
tá levando bacaiáo!

Êh! Êh! Êh! Êh!  
Isso é mintira di ôcê!  
Quem foi qui viu,  
cabra vadio,  
nêgo fazê  
o cangerê?!  
Êh! Êh! Êh! Êh!

O A B Ô I O

Ai! qui tristeza, á tardinha,  
ouvi a voz do vaqueiro,  
sodoso, aboiando o gado  
lá longe, em riba do oiteiro!

Os boi parece qu'intende  
as fala do sertanejo;  
acerta logo a pisada  
unido num só desejo!

Já discambou na ladeira  
— é tanto boi qui fuimiga! —  
não corre, vem na cadença  
da compassada cantiga!

No abôio canta a sodade  
— o coração tá chorando! —  
não ha cantiga mais triste  
do qui um vaqueiro aboiando!

Os óio das sertaneja  
faísca qui nem brazeiro,  
ouvindo, assim, á tardinha,  
a toada do boiadeiro!

E, cuma as rez da boiada,  
ouvindo o triste lamento,  
vae longe, vae muito longe  
nas asa do pensamento!

## BODE INFEITIÇADO

### I

Seu cumpadre Mané Chico,  
pru favô não si incommode,  
mas porém venha di pressa  
vê qui tem aquelle bode!

Tá cantando,  
tá dansando,  
tá falando,

tá resando  
qui nem eu mais vosmicê;  
tá vistindo,  
tá dispindo,  
tá cuspindo,  
tá si rindo  
sem ninguem sabê praquê!

II

Seu vigaro, não si azangue  
— eu não falo di pagode! —  
dê-mi um pouco d'agua benta  
pra qu'eu benza aquelle bode!

Tá cantando  
tá dansando,  
tá falando,  
tá resando  
qui nem eu mais vosmicê;  
tá vistindo,  
tá dispindo,

tá cuspindo,  
tá si rindo  
sem ninguem sabê praquê!

III

Seu doutô, não si amofine,  
não arranque os seus bigode;  
arreceite uma meizinha  
qui assocegue aquelle bode!

Tá cantando  
tá dansando,  
tá falando,  
tá resando  
qui nem eu mais vosmicê;  
tá vistindo,  
tá dispindo,  
tá cuspindo,  
tá si rindo  
sem ninguem sabê praquê!



IV

Pae Jon Congo, tire um ponto  
pra qui o bicho si accommode;  
cum certeza foi feitiço  
qui fizero pra meu bode!

Tá cantando  
tá dansando,  
tá falando,  
tá resando  
qui nem eu mais vosmicê;  
tá vistindo,  
tá dispindo,  
tá cuspindo,  
tá si rindo  
sem ninguem sabê praquê!

V

Mas ninguem alembra nada,  
ninguem vem, ninguem mi accode;

já não sei mais o qui faça  
pra dá tino áquelle bode!

Tá cantando  
tá dansando,  
tá falando,  
tá resando  
qui nem eu mais vosmicê;  
tá vistindo,  
tá dispindo,  
tá cuspindo,  
tá si rindo  
sem ninguem sabê praquê!

OS HOME DO SERTÃO

No sertão, quando dois home  
vae atraz di uma muié,  
faz premêro o testamento,  
bota as coisa no papé!

Um dos dois já é difuncto,  
um dos dois já s'interrou;  
tá no livro do distino;  
Deus do céu foi qui mandou!

Pru pió qui a muié seja  
— é negoço di judeu! —  
só si alembra di qui o outro  
qué buli no qui é seu!

A muié incruza os braço  
— não é paca nem tatú —  
mas os home disincruza;  
não nasceu qui nem cajú!

Quando a gente menos cuida,  
ouve os tiro pipocá;  
dois batendo numa porta  
nem S. Pedro deixa intrá!

## MOÇA DA PRAÇA

O fio di seu Jerosme,  
sinhô do ingenho Araçá,  
chegou e trouxe uma moça  
da Capitá Federá!

Os cabellino aparado,  
as unha di gavião  
e, aqui, assim, nas buchecha,  
meia roda di azarcão!

Vistido im riba do jueio;  
sapato di dois andá;  
casaco abrido na frente,  
di manga não tem signá!

Oiando o geito da moça,  
a véia dona Zabé  
falou, assim, prô vigaro:  
— Meu fio não tem muié!

Essas mocinha da praça  
qué si fazê di mió,  
mas não vale as cabôquinha  
do sertão do Piancó!

AMÔ DI CABÔCA

I

E' meu gosto! Não m'importa!  
E' meu gosto! Eu gosto assim!  
Mi matrata? Mi amufina?  
E' pruguê gosta di mim!  
Vocês diz que elle não gosta!  
Qui mi fala cum desdem!  
Quanto mais elle dispresa  
mais amostra qui qué bem!

Ai! o amô é sufrimento!  
Faz o mundo padecê!  
Quando a gente ama di vera,  
tem pru força qui soffrê!

II

Não tem rosa sem ispinho  
nem amô sem provação!...  
Dá trabaio apanhá rosa?  
Muito mais, um coração!  
Si foi Deus qui fez as rosa,  
foi tamem qui fez o amô;  
pôz no amô os sufrimento  
e os ispinho, na fulô!

Ai! o amô é sufrimento!  
Faz o mundo padecê!  
Quando a gente ama di vera,  
tem pru força qui soffrê!

ARUÊ! ARUA'!

I

Quando nós era pequeno,  
na Gulóra di Goitá,  
eu brincava co'Anna Rosa  
e cantava, todo prosa,  
a cantiga do aruá!

Aruê!

Aruá!

II

Má nós dois fômo crescendo,  
cumecemos a namorá;  
não brincava nem cantava,  
mas, pru Deus, que si alembrava  
da cantiga do aruá!

Aruê!

Aruá!

III

Deus não quiz qui ella vivesse,  
não deixou nós si casá;  
foi tão grande o sentimento  
qui tirei do pensamento  
a cantiga do aruá!

Aruê!

Aruá!

IV

Adispois di muitos anno,  
eu vortei no arraiá;  
má na villa fui chegando,  
uma voz tava cantando  
a cantiga do aruá!

Aruê!

Aruá!

V

Qui sodade de Anna Rosa!...  
— cumecei a saluçá! —  
Qui sodade mi apertava!  
Quanta coisa mi alembrava  
a cantiga do aruá!

Aruê!

Aruá!

A REZÃO DO JAGUNÇO

Ocê diz qui eu sou jagunço,  
matadô di profissão,  
mais crué e dishumano  
do qui as onça do sertão!

Mato véio, mato moço,  
não respeito nem muié;  
prus balaço do meu rife  
não tem figa di Guiné!

Eu matei doutô Firmino,  
promotô di Gravatá;  
o vigaro da Gulóra;  
o juiz di Quipapá!

Eu matei Mané dos Anjo,  
eu matei Quinca Xexéo;  
tem mais risca no meu rife  
do qui istrella pelo céo!

Mas porém, não é verdade  
— ocês fala sem sabê! —  
eu não mato, neste mundo,  
ninguem tem esse pudê!

Só nos tira a nossa vida  
quem as vida tem pra dá;  
eu atiro — tá bem visto! —  
mas só Deus pode matá!

O CÔCO

O côco tava ferrado,  
um côco mêmo dos bão;  
as viola churumingava  
e todos sapatiaava,  
pisando duro no chão!

O Zeca Sussuarana,  
cercando a Chica Preiá,  
incosta-lh'uma bingada  
e atira co'a desgraçada  
assim, di pernas pru á!



Ahi o tempo si fêcha;  
Lorindo, um cabôco máo,  
discasca a pernambucana  
e sangra o Sussuarana  
— o dunga do Picapáo!

Pipoca logo as pistola;  
no iscuro ninguém si vê;  
mais, quando passa o alarido,  
tem mais di trinta firido,  
dois morto e tres pra morrê!

Inté o véio Tiburço  
puxou di sua quicé;  
os home di mais juizo  
isquece o qui é mais perciso  
pru causa di uma muié!

## A MUQUÉCA TEM PIMENTA

A muquéca tem pimenta,  
tem azeite di dendê;  
é cumida succulenta,  
mais, é quente cuma quê!

Bahiana, tu não mi atenta!  
Bahina, deixa eu vivê!

Dou a vida pru muquéca,  
carurú e vatapá;

é cumida de quem pecca,  
mais, eu como sem peccá!

Bahiana, não mi sapéca!  
Bahiana, deixa eu passá!

Minha mãe! Nossa Senhora!  
Meu Sinhô lá do Bomfim,  
ajudai-me a dá o fóra;  
eu não sei qui sinto im mim!

Bahiana, não mi namora!  
Bahiana não faz assim!

## DOIS BICUDO CANTADÔ

Ocê diz que é bom na lôa;  
faz favô di mi contá  
a rezão pru qui na terra  
todo o rio dá pru má?

Não percisa intendimento  
pra di pressa arrespondê:  
os graúdo im toda parte  
tem mais força e mais pudê!

Tá ocê muito inganado,  
perde as vez o maiorá;  
o cupim tão piquinino  
bota abaixo o jatobá!

O cupim qui você gaba  
pode o páo butá no chão,  
mas, no dente da fuimiga,  
nunca deu pra valentão!

A fuimiga — não duvido! —  
o cupim pode istragá.  
mas não guenta co'a fumaça  
qui é mais leve do qui o á!

Semo dois cabra damnado,  
dois bicudo cantadô;  
não perdemo nem ganhemo;  
desta vez nós impatou!

## ATTENTAÇÃO

Quando a gente anda attentado  
prus quindim di uma muié,  
tudo nella é qui nem ouro,  
da cabeça inté os pé!

Não tem outra mais bunita,  
mais mió, di mais valô;  
seus dois óio é uma istrella,  
sua bocca, uma fulô!

E' qui nem Nossa Senhora;  
tem mais graça e mais pudê  
do qui os santo mais barbado  
qui os capêta não qué vê!

Mas porém, si a gente infara,  
perde o geito e perde a fé;  
tudo nella tem ispinho,  
tudo amalga qui nem fé!

TRABAIA, NÊGO! . . .

Nêgo véio, qui rismunga,  
tá pidindo couro crú;  
tá fazendo coisa feita,  
tá falando co'os ixú!

Nêgo véio, qui suspira,  
deve logo di apanhá;  
t'alembando das mucamba  
qui deixou no seu quinzá!

Trabaia, nêgo, trabaia,  
sinão tu leva ferrão;  
só branco samba na vida;  
só branco tem coração!

Nêgo véio, quando canta,  
tá querendo bacaião;  
t'agourando sinhô véio,  
t'acordando os bacurão!

Nêgo véio, tá duente,  
já não póde trabaia;  
bota dentro di uma rêde,  
trata logo d'interrá!

Trabaia nêgo, trabaia,  
sinão tu leva ferrão;  
só branco samba na vida;  
só branco tem coração!

## A FARINHADA

Os cabôco tá chegando;  
já cavou no mandiocá;  
cada um traz sua inxada,  
cada um, seu samburá!

Vae chegando e derramando  
as mandioca pelo chão  
e as muié, di faca im punho,  
pega logo a raspção!

Adispois di discascada  
vae passá no *caitetú*;  
massa bôa, massa fina  
dá farinha e dá bêijú!

Adispois si põe na prensa:  
— Péga firme, Jacaré!  
*Manipueira* tem veneno  
qui nem cobra cascavé!

Adispois di bem lavada,  
põe no forno pra seccá:  
— Mexe! Mexe! Não apara;  
a farinha vae queimá!

Qui sodade desse tempo!  
Fico triste e choro inté!  
Macasado, tapioca,  
pixainha cum café!...

O "RIJUME" DO SERTÃO

Sou medroso, sou mufino,  
mais pió qui bacuráo;  
passo fogo nos damnado,  
iscondido atraz do páo!

Home mêmo di verdade  
— ôcês véve a mi dizê —  
vem di peito adiscuberto;  
não tem medo di morré!

Não s'isconde atraz das môita,  
qui nem cobra cascavé;  
não ispera qui anoiteça  
cuma faz os caburé!

Não tem conta co'o capenga;  
pega logo do fuzi  
ou, intão, si faz na faca  
qui é calada e mais subtí!

Pode sê qu'eu têje errado  
e qui ocês tenha rezão,  
mas porém, é diferente  
o *rijume* do sertão!

Quando dois home prufia,  
vem di peito pra brigá,  
mas, s'isconde na tucaia,  
quando ispera pra matá!

## PERNAMBUCANO

Pernambucano  
traz, na cava do collete  
uma faca e um bom cacête,  
na munhéca pra reiná;  
nunca qui leva  
desafôro pra famia,  
num tem medo di sangria,  
tem pru força qui brigá!

Não si apaixona  
cum quem tira o seu dinheiro,  
co'os damnado dos praieiro,  
qui só qué ingazopá;

puxa do ferro  
quando o cabra faz a asneira  
di buli co'a companheira,  
qui divia arrespeitá!

Inda minino  
— no sertão todos matraca —  
é co'a ponta di uma faca  
qui seu pae vem li acordá  
e assim qui cresce  
— pode crê qui não li minto —  
sua mãe li põe no cinto  
uma faca pra brincá!

Cresce o damnado,  
fica home, cria barba,  
no prêmero batibarba,  
puxa a faca e qué furá;  
si o cabra é molle,  
não aguenta co'o repuxo,  
toma ferro pelo bucho  
qu'ê pra não facilitá!

Dahi pru dienté,  
pru dá cá aquella paia  
mette a faca na canaia  
— fura aqui, fura aculá! —  
A faca é tudo:  
tira o bicho, pica o fumo,  
mata o porco e, pru risumo,  
serve inté pra discascá!

Pernambucano  
traz, na cava do collete,  
uma faca e um bom cacête,  
na munhéca pra reiná,  
mas arrespeita  
a muié do cumpanheiro,  
nunca briga pru dinheiro  
e não sabe atreioá!



OS OIO DAS MUIE'

Macambira, chique-chique  
— os ispinho mais crué —  
não arranha nem ispinha  
cuma os óio das muié!

E' pió do qui facheiro,  
navaieira e gravatá;  
faz firida qui não sara  
nem cum casca di jucá!

Cada vez qui as muié óia  
dá um taio, um arranhão,  
qui abre as carne, fura os ósso,  
chega inté no coração!

Ti arrenego ôio marvado  
— pé di pato mangalô! —  
qu'infetiça qui nem cobra  
e o mardito attentadô!

Dês na hora in qui meus óio  
s'incruzou cum teu oiá,  
eu fiquei infetiçado;  
ando assim, ao Deus dará!

Vou na casa di inhá Chica  
pra rezá e mi benzê;  
qui teus óio tem feitiço  
— é pió qui cangerê!

## A SODADE DA VIOLA

Minha viola tá chorando  
cum sodade do sertão;  
diz qui as viola tambem sente,  
tambem tem seu coração!

Cuma aquelles qui saluça,  
cum sódade di seu bem,  
ai! a viola — coitadinha! —  
chora mais do qui ninguém!

E' um chôro qui amufina,  
é um chôro qui faz dó;  
uma viola, quando chora,  
nunca mais qui chora só!

Quem iscuta os seus saluço  
tem pru força qui chorá,  
tem qui tê tambem sodade  
di seu bem qui ficou lá!

Tem qui tê tambem sodade  
di seu bem, di seu amô,  
cuma a viola qui saluça  
pela mão do tocadô!

Tem qui tê tambem sodade,  
muita dô no coração,  
qui uma viola, pru mais longe,  
não s'isquece do sertão!

ANNA ROSA

Incontrei cum Anna Rosa  
numa casa di farinha;  
sertaneja mais bunita  
nunca vi pru vida minha!

Moreninha cô di jambo;  
óios preto, pestanudo;  
a boquinha uma pintura;  
os cabelo di villudo!

Quando eu vi a curiboca  
fiquei tonto; não vi nada!...  
Nem ouvi Chico dizendo  
qui era a sua namorada!...

Elle viu minha tonteira,  
meu oiá di infeitiçado;  
não mi diche patavina,  
mas ficou intruviscado!

Pouco tempo adispois disso  
— todos tem o seu distino! —  
Pobre Chico!... Era um difuncto  
e eu, não nego, um assassino!

Nunca mais vi Anna Rosa  
nessa casa di farinha;  
sertaneja mais bunita  
nunca vi pru vida minha!

## NÊGA VÉIA

Sinhá moça, não credite  
no qui diz seu moço André;  
elle tava l'inganando,  
tudo aquillo é rapapé!

Sinhô moço não suspira  
si tá longe di sinhá;  
não si avéxa, não pergunta  
si não vê sinhá chegá!

Sinhô moço não marella  
quando fala cum mecê,  
não marella, não tremece  
quando vem li arrecebê!

Sinhô moço não si prosa  
di bunito e valentão;  
não pruveita, não pruveita  
quando aperta a sua mão!

Sinhô moço não pergunta  
si mecê já namorou;  
e o ciume, sinhá moça,  
é signá di muito amô!

Nêga véia tá caduca,  
já não pode cum ninguém,  
mas 'cunhece, sinhá moça,  
quando os home não qué bem!

## MUIE' QUI QUE' INGANÁ'

Nem Deus, qui fez este mundo  
— o céu, a terra e o má! —  
impata, pru mais qui faça,  
muié qui qué inganá!

Não fica assim deste geito;  
vae logo dizendo amen;  
as coisa quando assuccede  
é sempre pra nosso bem!

No dia qui a gente nasce  
— é sina qui todos traz! —  
põe logo os pé no caminho;  
ninguem não vorta pra traz!

A vida é a correnteza  
qui ronca no igarapé;  
os home é os páo di cheia;  
a correnteza, as muié!

Quem nada contra a corrente,  
não boia qui nem os páo,  
cumeça perdendo as força  
e acaba, infim, no peráo!

Tem duas coisa no mundo  
qui Deus não pode impatá;  
corrente qui leva o rio,  
muié qui qué inganá!

## A COISA QUI NÃO IXISTE

Tu diz qui filicidade  
é coisa que não ixiste  
e fica logo mi oiando  
cuns óio qui mi põe triste!

A gente, pru mais qui tenha,  
só tá filiz di verdade,  
imquanto não vem na mente  
qu'ixiste filicidade!

Assim qui a gente si alembra  
di qu'ella ixiste, di facto,  
tá mais pió qui praieiro  
perdido dentro do matto!

Só penso im filicidade  
e sinto logo os ispinho,  
no dia qui não ti vejo,  
nas hora qui tou sosinho!

O cabra filiz, qui sente  
qui tá filiz di verdade,  
só pensa no qui tá vendo,  
não pensa im filicidade!

A bocca na tua bocca,  
teu corpo assim no meus braço,  
só tou pensando im teus beijo,  
pensando no teus abraço!

## O INGENHO

Os carro canta na istrada  
di vortá do cannaviá;  
tem canna nos picadero;  
o ingenho já vae butá!

A roda d'agua trabaia;  
a moenda pega a gemê;  
as canna vira bagaço  
e vae cahi no banguê!

O cardo corre na bica  
pra derramá no paió;  
as tacha tá qui parece  
panella di mocotó!

O mestre não perde tempo;  
cunversa mais o feitô  
e mette o côco na carda  
qui vae passá no cuadô!

De tanto fogo o melado  
já tá im ponto de mé;  
as nêga chega do êito  
trazendo as sua coité!

O véio sinhô d'ingenho  
passeia di cá pra lá  
e conta as fôima di assuca  
qui o purgadô vae purgá!

## CABÔCA DI PERNAMBUCO

Cabôca da minha terra,  
cabôca di Pernambuco  
tu tira o juizo dos home,  
tu põe os home maluco!

Ninguem, cabôca, arriséste  
ás tua manimolença;  
tu bota a gente no inferno  
sem pingó de consciênça!



Teus óio arrequebrado,  
teus óio tão pestanudo  
disgraça mais sertanejo  
qui as tropa lá nos Canudo!

O geito da tua bocca  
— parece qui tou sonhando! —  
alembra um cravo vrêmeio  
qui tava si disfoiando!

Teus braço parece cobra,  
parece duas serpente  
armando, cabôca, o bote  
pra vim s'inroscá na gente!

Tu é o diabo di saia,  
tu é... tu é meus peccado;  
quem óia prus teu feitiço  
não dróme mais sucegado!

## CIUME DI CABÔCA

Não sou muié di besteira,  
qui pensa logo no má;  
mais sinto um nó na gaiganta  
si vejo Chico sambá!

Os home adispois qui casa  
não faz aquillo qui qué;  
pru consiguiente só deve  
sambá cum sua muié!

E' ciume?! Ciume das outra?!  
De Zefa?! De Ignez?! Di quem?!  
Ocês s'ingana si pensa  
qui Chico não mi qué bem!

Não óia assim deste geito!  
Incara! Não óia assim!  
Eu sei qui Chico é damnado,  
mas sei qui gosta di mim!

Faz roda ás outra, namora,  
mas tudo mintira só;  
di mim é qui o cabra gosta,  
di mim é qui tem chodó!

Si um dia Chico m'ingana  
e abusa da minha fé,  
eu juro qui neste mundo  
não samba mais cum muié!

A GENTE QUANDO SI  
GOSTA

A gente quando si gosta,  
a gente quando si qué,  
só vê um home no mundo,  
só vê aquella muié!

Os outro não vale nada,  
as outra não é ninguem;  
só vale o qui a gente gosta,  
só vale a qui si qué bem!

Elle é bunito, valente,  
bonzinho cum'elle só;  
ella é um cravo, uma santa;  
não póde havê mais mió!

O qu'elle diz é sagrado  
— qui coração liberá! —  
o qu'ella fala é verdade;  
não tem ninguem mais liá!

Cum elle a vida é um sonho,  
sem elle, uma provação;  
cum ella, a filicidade,  
sem ella, amufinação!

Assim qui os cabra abre os óio  
e vê qui tem mais arguem,  
cumeça logo a risinga;  
nenhum dos dois si qué bem!

AS COISA QUI O MUNDO  
TEM

Tu diz qui eu sou qui nem cobra,  
qui eu sou qui nem cascavé;  
qui tenho força nos óio  
e amarro logo as muié!

Não vae atraz das besteira  
qui o povo véve a dizê;  
ainda não vi no mundo  
um home desse pudê!

Já meu avô mi dizia  
— qui Deus li dê sarvação! —  
muié, meu fio, é qui amarra  
e amarra os mais valentão!

Os home, qui vê um parmo  
adiente do seu nariz,  
não deixa qui ellas amarre;  
e já si dá pru filiz!

Não sei fazê qui nem cobra,  
não sei amarrá ninguém;  
só sei é butá reparo  
nas coisa qui o mundo tem!

Muié qui assim qui vê home  
cumeça a s'indireitá...  
alisa... ageita os cabelo...  
é qui si deixa amarrá!

## O CORAÇÃO DA MUIE'

### I

Ha muitos home qui pensa  
qui o coração das muié  
é coisa qui a gente compra  
qui nem feijão mais café!  
Somente quem tem dinheiro  
— dinheiro é qui dá valô! —  
arranja muié bunita,  
muié qui li tem amô!

O coração  
das muié  
não é feijão  
nem café!

II

Eu tenho pena dos home  
qui véve nessa inlusão;  
não sabe o qui é sê quirido,  
não sabe o qui é coração!  
Quem pensa desta maneira  
não sabe o qui é querê bem;  
muié qui gosta di um home  
não cuida no qu'elle tem!

O coração  
das muié  
não é feijão  
nem café!

FRUITA DO MATTO

Muié qui diz qui não sabe  
o gosto qui tem um beijo,  
ou tá mintindo pra gente,  
ou come casca di queijo!

Não ha muié, neste mundo,  
mais pura di coração,  
qui já não tenha beijado,  
ao meno, pru devoção!

Beijou, lá dentro da igreja  
— os santo tamem si adora! —  
as chaga de Jesus Christo,  
os pé di Nossa Senhora!

Beijou, ao meno, di longe,  
co'os óio, porém, beijou,  
qui bem qui si sente o gosto  
da fruta qui si avistou!

O beijo é fruta vrêmeia  
qui nem pitanga madura;  
pitanga alembra o geitinho  
da bocca das criatura!

Só tem qui as coisa do mundo  
não é cuma a gente qué;  
— o beijo é fruta do matto  
qui só si come no pé!

O AMÔ

O amô é cuma o distino;  
ninguem não sabe o qui é!  
Não tem um home qui diga  
pruquê gostou da muié!

Pru mode o geito da cara?  
Da bocca? Do seu oiá?  
Dos arrequebro do corpo?  
Ninguem não sabe contá!

Um dia a gente s'incontra  
e, assim qui a gente si vê,  
recebe um choque nos peito,  
sem mêmo sabê praquê!

O coração disimbésta;  
cumeça no baticum  
e o cabra fica marello  
qui nem quem tá di jijum!

A nêga tamem marella,  
suspira, vae pra fugi,  
mas fica qui nem traíra  
no rio qui tem tinguí!

O amô é pió qui braza;  
ninguem não deve pegá;  
quem pega chamusca os dedo  
e acaba pru si queimá!

## A CHUVA DO SERTÃO

Tu tá vendo aquellas arve?...  
Foi a secca qui matou!...  
Não tem fôia, não tem gaio,  
não dá fruita nem fulô!...

Nos bom tempo im qui chuvia,  
cá pras banda do sertão,  
ellas tava mais verdinha  
do qui matto di bréjão!

Tinha fôia, tinha gaio,  
tinha tudo qui Deus dá;  
tinha os ninho onde cantava  
as graúna e os sabiá!...

Tu mi fala cum suberba!...  
Tu mi óia cum desdem!...  
Tu tá moça!... Tá bunita!...  
Não s'importa cum ninguem!...

Mucidade!... Buniteza!...  
Foi a chuva qui chegou!...  
Si ella passa... tudo sécca  
cuma as arve qui seccou!...

Nesse dia, muito véia,  
tu terá, no coração,  
a sodade desse tempo  
im qui chove no sertão!

CABRA FELIZ

Eu não perciso di casa  
pra tê adonde morá;  
só quero dois gaio d'arve  
pra minha rêde amarrá!

Eu não perciso di mesa  
pra tê adonde armuçá;  
passoca, pru mais bemfeita,  
si come im quarqué lugá!



Eu não perciso dinheiro  
pra minha vida arranjá;  
os peixe tá lá nos rio;  
as caça no mattagá!...

Eu não perciso di nada  
pra minha vida alegrá;  
abasta a minha viola  
e as lôa qu'eu sei cantá!

Sou pobre mais não perciso  
cu'a vida mi amufiná;  
só tá filiz neste mundo  
quem sabe si acontentá!

Cachaça... muié... viola!...  
Qui posso mais desejá?!  
Filiz o cabra qui véve  
co'o pouco qui Deus li dá!

## CAVALLO DI POBRE

Eu quero muié vistosa,  
qui possa si apresentá,  
mas saiba cuidá da casa  
e goste de trabaiá!

Muié pachola, qui cuida  
samente do seu vistido,  
não pode sê mãe di fío,  
nem sê muié di marido!

Muié qui arreméxe os quarto  
e amostra o qui não convem,  
não é muié qui mereça  
qui um home li queira bem!

Eu quero muié faceira,  
qui bote fita e chinela,  
mas saiba pegá na inxada  
e trabaiá cu'as panella!

Muié qui véve na istrada,  
andando d'aqui pr'ali,  
é visgo di gamelleira;  
apanha inté bem-te-vi!

Eu quero muié vistosa,  
porém muié qui trabaia;  
qui nem cavallo di pobre,  
qui leva sella e cangaia!

## VINGANÇA DO CABÔCO

Eu vinha pela picada  
da varze do Giquiá;  
senti um fogo na cara  
e ouvi uma voz falá:

— Cabôco, vorta pra casa;  
não fia nessa muié!...  
Maroca tá t'inganando  
co'o fio do curuné!...

Os grillo cantou n'ouvido,  
os óio virou tição,  
senti, na caixa dos peito,  
os baque do coração!

Vortei, dipressa, pra casa  
atrás do rasto da rez  
e dei, afiná, cu'a bicha  
nos braço do tá freguez!

Passei a mão da garrucha,  
fiz pontaria, atirei;  
ouvi dois grito abafado,  
cahi de jueio e rezei!

Os cabra tava tão junto  
qui para ficá mais mió,  
só tive qui dá um tiro,  
gastá uma bala só!

## TROVAS DA MINHA TERRA

A sodade é cuma a lua,  
qui allumeia a iscuridão;  
allumeia os disingano  
qui iscurece o coração!

A muié qui diz qui os home  
é pió qui sussuarana,  
pelos home tá mais morta  
qui macaco pru banana!

A gente isconde um segredo  
— o crime, o prazê, a dô —  
isconde a fome ou a sede,  
mas não isconde o amô!

Muié tem ôio di cobra,  
tem ôio di cascavé;  
não tem um home qui possa  
co'os ôio di uma muié!

Buli cum muié di home  
— tem coisa qui eu não iscondo! —  
é o mêmo qui dá um tapa  
im casa di marimbondo!

Tem duas coisa no mundo  
qui a gente logo dá fé:  
laranja mixiriqueira  
e bem querê di muié!

# INDICE

	Pags.
A' laia de prefacio . . . . .	9
Mané Burdão . . . . .	11
O coração do cabôco . . . . .	13
Cabra bão . . . . .	15
Paixão di cabôco . . . . .	17
Cabôco véio . . . . .	19
A cabôquinha do Norte . . . . .	21
Chodó . . . . .	23
A butada do ingenho . . . . .	25
A ispereteza do aribú . . . . .	29
Chapéo di couro . . . . .	31
No mundo tudo é treição . . . . .	33
Trovas da minha terra . . . . .	35
Muié qui gosta da gente . . . . .	37
A fé do jagunço . . . . .	39
Curupira . . . . .	41
Eh! Eh! . . . . .	43
O abôio . . . . .	47
Bode infetigado . . . . .	49
Os home do sertão . . . . .	55
Moça da praça . . . . .	57

# ÍNDICE

	Pags.
Amô di cabôca . . . . .	59
Aruê! Aruá! . . . . .	61
A rezão do jagunço . . . . .	65
O côco . . . . .	67
A muquéca tem pimenta . . . . .	69
Dois bicudo cantadô . . . . .	71
Attentação . . . . .	73
Trabaia, nêgo! . . . . .	75
A farinhada . . . . .	77
O "rijume" do sertão . . . . .	79
Pernambucano . . . . .	81
Os oio das muíé . . . . .	85
A sodadé da viola . . . . .	87
Anha Rosa . . . . .	89
Nêga véia . . . . .	91
Muíé qui qué inganá . . . . .	93
A coisa qui não ixiste . . . . .	95
O ingenho . . . . .	97
Cabôca di Pernambuco . . . . .	99
Ciume di cabôca . . . . .	101
A gente quando si gosta . . . . .	103
As coisa qui o mundo tem . . . . .	105
O coração da muíé . . . . .	107
Fruita do matto . . . . .	109
O amô . . . . .	111
A chuva do sertão . . . . .	113
Cabra feliz . . . . .	115
Cavallo di pobre . . . . .	117
Vingança do cabôco . . . . .	119
Trovas da minha terra . . . . .	121